

# Mathieu Lehanneur

## Um novo ecossistema

CARLA CARBONE | carlacarbone@yahoo.com



Portrait Lehanneur par Fabien Thouvenin

Mathieu Lehanneur nasceu em 1974, em Rochefort.

Em 2001, Lehanneur funda o seu primeiro estúdio de design de interiores. Onde já se observava uma curiosidade pelo tema das interações que se verificavam entre os corpos e o ambiente, entre os sistemas vivos e o mundo científico.

Confrontam-se muitas vezes nos trabalhos de Lehanneur, a tecnologia de ponta com os elementos próprios da natureza, como as algas, as plantas e os peixes. O designer deixa-se enlevar pelos temas complexos da biologia, da astrofísica, do mundo farmacêutico.

No ano de 2008, a Lehanneur é atribuído o prémio Best Invention Award, (EUA) pelos sistemas de purificação do ar, através de plantas, que criou para serem utilizadas nos interiores das casas. Andrea, era o nome da peça.

Cria em 2009, nos Estados Unidos, *Everything But The Molecules*, uma sociedade especializada em assuntos e soluções de design “farmacêutico”. As peças do designer têm residência permanente no MOMA de Nova Iorque, no MOMA de São Francisco, em Luxemburgo, no MUDAM, e ainda na FRAC, em Paris.

Mathieu Lehanneur chegou a usar o design para reflectir sobre o modo como os pacientes interagem com os medicamentos. Criou um projecto a que deu o nome de objectos terapêuticos, exibidos no MOMA, no Outono de 2008, ou ainda SAFE: *design takes on risk*, em que Lehanneur teve a oportunidade de mostrar os seus sistemas médicos criados para curar quimicamente e psicologicamente quem os utilizasse. Mathieu Lehanneur defende que o modo como a medicina é actualmente conduzida esquece os efeitos psicológicos do paciente.

Toda a parafernália, todo o cocktail de medicamentos que um doente tem que tomar e, obrigatoriamente, enfrentar diariamente, pode alterar o seu estado psicológico. O doente sente-se preso. Lehanneur tentou subverter esta tendência, com a peça: *Antibiotics in Layers*. Um molho de antibióticos em forma de papéis multi-cores são usados pelo paciente com formas que ajudam a agilizar, suavizar a frieza e dureza do acto.

O paciente vai retirando folha a folha e digerindo os medicamentos como se correspondessem a um gesto natural. As folhas unem-se entre elas, configurando uma estrutura em forma de “cebola”. Quando o doente retira a última de todas as folhas, o tratamento acaba. Lehanneur associa o acto a um calendário do advento.

As preocupações sobre o estado do paciente, para Lehanneur, não se prendem apenas com o estado físico do mesmo, mas naquilo que o afecta psicologicamente. O designer fez uma pesquisa sobre os diferentes comportamentos que os pacientes manifestam na relação com a doença. Os pacientes não são todos iguais. Alguns não admitem a doença, outros assumem-na, outros combatem-na e ainda há os que lutam contra doenças que não têm, como é o caso dos doentes hipocondríacos.

O comportamento do doente, face à doença e aos medicamentos, foi o ponto de partida para este projecto de Lehanneur. O designer procurou desenhar a cebola antibiótica para responder a um tipo específico de doentes que lidam mal com a sua doença. Também desenhou o projecto, *Medicina ao Centímetro, Medicine by the Centimeter*.

Falta a magia. E os saberes dos curandeiros. A medicina moderna falhou na componente mágica, na natureza do ritual e, quiçá, na dimensão humana, e é isto que parece entusiasmar Lehanneur.

As acções parecem ter que fazer sentido, a natureza do acto de tomar, de modo instantâneo, medicamentos afasta as pessoas da natureza e torna tudo muito mais artificial. É preciso sentir os fluxos e os gestos devem fazer sentido e estarem ligados às pessoas que os realizam.

O médico prescreve, mas nada sabemos do que prescreve, o acto resume-se a um modo artificial de engolir cápsulas duras e muitas vezes intragáveis.

Lehanneur parece pedir que os seres humanos recuperem as acções que vão de encontro aos ritmos da natureza, da natureza que os envolve, da natureza dos seus próprios corpos, e da sua própria cultura.

Não somos totalmente livres do lugar e sociedade em que vivemos, pertencemos-lhe, somos-lhe afectos.

Esta relação com a realidade farmacêutica provém de uma colaboração com a indústria farmacêutica, ainda enquanto estudante na Ecole Nationale Supérieure de Création Industrielle de Paris.

Lehanneur era mais ou menos uma cobaia, colaborou em testes farmacêuticos em que lhe era pedido que ingerisse medicamentos. Depois uma equipa de médicos analisariam Lehanneur. Apesar de se ter voluntariado para o fazer, era submetido a um controlo muito rigoroso por parte dos médicos e cada experiência era vigiada segundo protocolos e normas extremamente rígidas. O designer apercebeu-se que, em casa o doente, sozinho, não tinha este tipo de controlo e estaria isolado, sem protocolos ou normas rígidas, ou mesmo sem a ajuda dos médicos.

Por isso Lehanneur acredita que a medicação pode ser desenhada de um modo diferente, na medida em que permita um recuperar ou um evocar de um certo ritual.

Lehanneur explorou a forma dos medicamentos e de como essa forma pode variar a capacidade de cura dos doentes. Muita dessa teoria baseia-se na crença de que é preciso criar um relação simbiótica com o corpo do doente e os medicamentos.

Conhecem-se acções do designer junto das farmacêuticas para a demonstração destes medicamentos simbióticos com os doentes.

Mas muito há ainda a fazer. A indústria teme o lado lúdico e suave das abordagens de Lehanneur. Por outro lado, o designer compreende que psicologicamente o medicamento tem que envolver um lado de sacrifício para que os doentes possam acreditar que a cura está em funcionamento. Podemos lembrar-nos da expressão: aquilo que arde cura. Ou mesmo o exemplo do sabor amargo de certos medicamentos que são entregues aos asmáticos, se retirado, os doentes não acreditam no efeito do medicamento.

Mas outras preocupações prendem também a atenção do designer. Como não poderia deixar de ser, Lehanneur procura assuntos sérios, entre eles, o ambiente e o equilíbrio do ecossistema. O designer não poderia estar alheio a estes temas.

Podemos por isso mencionar o seu projecto *Local River*, que consiste na construção de um ecossistema, composto por água, um pequeno “aquário” que garante as condições para que peixes possam aí viver



Foto: Veronique Huyghe

Bucky's Nightmare, 2008, pele, espuma

*Lehanneur parece pedir que os seres humanos recuperem as acções que vão de encontro aos ritmos da natureza, da natureza que os envolve, da natureza dos seus próprios corpos, e da sua própria cultura. Não somos totalmente livres do lugar e sociedade em que vivemos, pertencemos-lhe, somos-lhe afectos.*

temporariamente, assegurando a pureza das águas e o desenvolvimento de plantas, que mais tarde servirão de alimento para os habitantes da casa. Estes pequenos ecossistemas teriam uma capacidade auto-sustentável. Baseia-se na troca e na interdependência de dois organismos vivos, neste caso os peixes e as plantas. Este ecossistema teria um processo de construção inicial muito próximo do princípio DIY, *do it yourself*, em que se tornava relativamente fácil a montagem inicial dos mesmos. Este sistema meio jardim, quinta, cozinha e viveiro é tornado possível por meio de uma única estrutura capaz de se colocar em qualquer divisão de uma casa. As plantas extraem nutrientes da composição, rica em nitratos, dos dejectos dos peixes. Acabando por, as plantas, funcionarem como um filtro natural que filtra e purifica a água, mantendo também o equilíbrio do ecossistema, em que o peixe vive. O sistema simula os grandes aquários que já utilizam estas técnicas. Este projecto de Mathieu Lehanneur pretende substituir o “aquário

decorativo televisão” por um sistema igualmente decorativo, no entanto muito mais funcional. O peixe e as plantas coabitam por um período curto, num pequeno espaço controlado, antes de serem comidos. Este carácter decorativo, de que se serve Lehanneur para diferenciar ou legitimar a substituição de uma televisão por um aquário *Local River*, prende-se com a questão da ética e da estética que Gillo Dorfles abordara no seu livro *As Oscilações do Gosto* e, sobretudo, com o capítulo das “Causas éticas e religiosas”. Dorfles, sobre o assunto, limita-se a confirmar como o alcance estético muda, conforme os tempos, e como esse alcance estético varia de acordo com os factores sociais e políticos. O autor diz-nos: “E no entanto será necessário ter em conta também estes elementos querendo discorrer sobre bom e mau gosto e iniciação e educação para a boa e para a má arte; tanto mais que muitas vezes a que é definida ‘boa’, com base em obtusos argumentos moralizantes, é justamente a ‘pior’ das artes, quando julgada segundo os cânones



Andrea, Sistema de Purificação de Ar, 2007



Delicious, 2008, folha de aço inoxidável, verniz de cor, madeira

Fotos: Veronique Huyghe



Foto: Mathieu Lehanneur

### Local River

estéticos; por outro lado, o mais das vezes, também as formas de arte mais despreconceituosas, em revolta contra o moralismo, não têm mais valor por isso”.

Podemos, apesar de tudo, referir que dada a conjuntura actual, as causas éticas, passaram a ter uma importância muito maior e a questão estética já não se prende com uma guerra entre aquilo que é mais belo ou menos belo, ou com o que é boa ou má arte. O design nunca esteve tão comprometido com a questão ética, como agora, e essa ética subordinou a estética à ética. Mais do que nos prendermos com questões de aparência e de forma temos pela frente grandes questões com que nos preocupamos e que se prendem com o ambiente, à escala global, e com o combate à fome e à escassez de recursos, que parecem mais breves do que até aqui poderíamos imaginar.

Dorfles fala-nos dos credos religiosos e de como esses mesmos credos uniam o princípio dos gostos. Refere-se, na sua época, aos poucos credos

existentes, que pareciam ter pouco poder para criar essa união dos gostos. Hoje, estas questões parecem preocupar novamente. As religiões podem reafirmar nova importância, mas o que poderá unir gostos, neste momento, serão muito mais as preocupações ambientais que se manifestam ou as preocupações que envolvem a subsistência global dos povos.

Outro projecto relevante de Lehanneur, é o projecto *Laboratory*, as peças e espaços criados pelo designer parecem viver entre duas faces opostas, duas realidades em confronto e em oposição. Por um lado Lehanneur explora a dimensão organizada das unidades “delicious”, onde podemos ver claramente uma preocupação e uma urgência do designer em expressar a organização, o controlo, a dimensão cartesiana do cérebro, como nos diz. Por outro, no mesmo espaço, é explorado o carácter intuitivo, espontâneo, como se fosse a região criativa e imaginativa do nosso cérebro a ditar as regras. ■